

Aparecido dá posse a Terena

O ministro da Cultura, José Aparecido, empossou ontem no cargo de assessor especial para assuntos da cultura indígena o ex-chefe de gabinete da Funai, Marcos Terena. Estiveram presentes às solenidades cerca de 40 índios e o ex-presidente do órgão tutelar, Nelson Marabuto, entre vários indigenistas.

— Hoje estamos comemorando o Dia do Índio em nosso País. Poderíamos estar alegres por isso, mas nossa preocupação está voltada para a saúde do presidente Tancredo Neves, que da maneira como sabia conduzir os brancos, certamente saberia conduzir o problema dos índios — disse Marcos Terena.

Ele prometeu que durante a sua gestão fará o possível para defender a cultura indígena que "não está representada apenas na sua língua, mas também na sua terra", e agradeceu o apoio que está recebendo do ministro da Cultura.

José Aparecido afirmou ter marcado a posse de Terena para ontem justamente por ser o dia do Índio, e salientou que o País passa "por uma hora de perplexidade e angústia. Hora aflitiva para toda a Nação. Tancredo Neves ainda uma vez luta bravamente pela sobrevivência que é reclamada na prece de toda a Nação".

— A posse de Marcos Terena se realiza, no Dia do Índio, sob a inspiração dos compromissos de Tancredo Neves, confirmados por José Sarney. Ele recomendou-me dizer que está cumprindo e cumprirá com lealdade e firmeza o programa da Aliança Democrática, que inclui a questão indígena — disse o ministro.

Gorotire vai até a guerra

Belém — Os caciques Piakan, Uté e Kanhonk regressam hoje para o garimpo de Maria Bonita a fim de debater com cerca de 150 índios Gorotire que ocupam o campo de pouso há 20 dias a proposta apresentada pelo secretário-geral do Ministério do Interior, Maurício Vasconcelos, em tumultuada reunião anteontem, em Brasília: a reabertura do garimpo para o início dos serviços de demarcação da reserva dos Kaiapó, no sul do Pará.

"Preferimos ir à guerra", disse, nesta capital, o cacique Paikan, porta-voz dos Gorotire, referindo-se à proposta de reativação do garimpo de Maria Bonita.

Na próxima terça-feira Paikan retornará a Brasília para comunicar a decisão dos Gorotire que não deve mudar, pois, segundo ele, o secretário do Minter não aceita discutir suas propostas de elevação dos royalties pelo uso do solo para 3 por cento.



Terena, empossado por Aparecido, promete fazer o possível para defender a cultura e a terra dos índios

Sarney quer demarcar as terras dos índios

Em mensagem divulgada ontem pelo programa **A Voz do Brasil**, em comemoração à passagem do Dia do Índio, o presidente José Sarney afirmou que o diálogo entre o governo e as comunidades indígenas, com a participação do índio nas esferas de decisão que lhes dizem respeito torna-se, assim, "mais do que um programa do novo governo, uma atitude imprescindível com a qual devem contribuir todos os brasileiros".

O presidente disse ainda que a sociedade brasileira precisa urgentemente resgatar a dívida histórica que contraiu junto ao índio.

A íntegra da mensagem do presidente é a seguinte:

"O Brasil rende hoje uma justa homenagem ao Índio. Esta data representa o reconhecimento que a Nação Brasileira deve a um dos elementos fundamentais da sua cultura e da sua história. No encontro de povos que se deu com o descobrimento, o índio defendeu seus valores culturais e hu-

manos. Introduzindo-os em diversos aspectos da vida brasileira e reivindicando para si o lugar de dignidade que lhe cabe.

Reverenciamos essa dignidade, essa cultura, essa luta, que desoertaram no Brasil uma consciência nova, e a um tempo uma consciência índia, que ilumina os seus direitos e aspirações, e uma consciência dos demais brasileiros, que reconhecem cada vez mais claramente a posição de realce que cabe ao índio em nosso país. Essa consciência, forjada na resistência, na coragem, no trabalho incansável da persuasão e do clamor e na contribuição expressiva e desinteressada de Rondon e de seus seguidores, deve frutificar nesta nova etapa que vive a nação brasileira.

A sociedade brasileira precisa urgentemente resgatar a dívida histórica que contraiu junto ao índio, não apenas mediante a assistência às suas diversas necessidades materiais e es-

pirituais, como a saúde, a educação e a preservação de sua cultura, mas também na solução do problema crucial da demarcação de suas terras, elo fundamental na sobrevivência indígena, muitas vezes afetado com o avanço das frentes pioneiras no interior.

O permanente diálogo entre o governo e as comunidades indígenas, com a participação de seus representantes nas esferas de decisão que lhes dizem respeito, torna-se assim, mais do que um programa do novo Governo, uma atitude imprescindível com a qual devem contribuir todos os brasileiros.

Brasileiro, o índio deve viver no coração de cada um de nós. Raiz, história, tradição, lenda, filão riquíssimo da cultura e símbolo autêntico da nacionalidade, ele deve ser respeitado na sua individualidade e no seu direito de "ser como seus irmãos brasileiros, sem deixar de ser quem ele é".

O dia foi de Mário Juruna

O Dia do Índio foi muito mais o dia de um índio apenas, o deputado Mário Juruna (PDT-RJ). Ele conseguiu, através de uma crise gerada por indigenistas e por líderes tribais, alçar o cargo de presidente da Funai o seu dileto superintendente executivo, Gerson da Silva Alves.

Desde fevereiro o cacique-deputado vinha empreendendo uma campanha em favor de Gerson. A sua ameaça de que um nome diferente do de Gerson Alves não ficaria no cargo "nem por dois minutos" foi além das expectativas. Ailton Carneiro de Almeida, amigo pessoal do ministro Ronaldo Costa Couto, do Interior, sequer conseguiu chegar aos portões da Fundação Nacional do Índio. Na verdade, quando índios e indigenistas negam a força política do deputado estão mais do que enganados. Ele fez valer a sua vontade, contra o desejo dos caciques Txucarramãe, Kayabi, Terena, Pataxó, entre outros, prevalecendo a força Xavante de tirar ou deixar ficar quem Juruna quer na presidência da Funai. E esta força tem lhe valido muito. Basta não esquecer que a sua esposa ganha um invejável salário — cerca de Cr\$ 2 milhões — nestes dias de crise econômica e de desemprego, sem que tenha, pelos menos, de se dar ao luxo de assinar a folha de ponto.

De nada valerem os argumentos dos experimentados indigenistas contra a nomeação de Gerson da Silva Alves, quando este disputava, com cerca de dez outros nomes, a presidência da Funai. Enquanto todos diziam que ele representaria o continuísmo, o paternalismo, que ele não tinha "pulso administrativo", a sua candidatura, na verdade, estava se fortalecendo. Nos meses que antecederam a exoneração de Nelson Marabuto, Gerson provou pelo menos que é carismático e trouxe até Brasília mais de 500 índios (só Xavante, foram mais de 300), segundo os indigenistas, para apoiar a sua candidatura.

Gerson Alves indicado para Funai

"Nós já estamos aqui". Assim o ex-superintendente da Fundação Nacional do Índio, Gerson da Silva Alves, recebeu a notícia de que fora indicado para ocupar, interinamente, a presidência do órgão em substituição a Ailton Carneiro de Almeida, nomeado anteontem e exonerado ontem da função. Antes mesmo de qualquer comunicado oficial, Gerson Alves disse que já estava cumprindo a sua nova missão junto com os índios.

Segundo os indigenistas que são contra a indicação de Gerson Alves, a decisão do ministro Ronaldo Costa Couto, do Interior, foi, po-

rém, lógica, considerando que com a saída de Nelson Marabuto, ele — na condição de superintendente executivo — é quem deveria assumir o cargo.

Gerson Alves foi o candidato apontado pelo deputado Mário Juruna (PDT-RJ) ao presidente eleito Tancredo Neves. Entretanto, a sua nomeação, para os indigenistas, não representa uma vitória do deputado-cacique. Ele mesmo descartou a possibilidade de Juruna vir a fazer uma administração paralela a sua.

"A nossa amizade — disse Gerson — nada tem a ver, porque a causa indígena está acima dela".

Porém, sobre a perma-

nência da esposa do deputado, Doralice Carvalho de Siqueira, nos quadros do órgão, percebendo mensalmente um salário de quase Cr\$ 2 milhões, sem que tenha de trabalhar, Gerson não quis tecer comentários. Limitou-se a dizer que hoje reunirá toda a equipe da Funai que ontem havia colocado o cargo a disposição para discutir vários problemas, inclusive o de Doralice.

O interino presidente da Funai disse ainda que com a sua nomeação será possível unir as várias facções do movimento indigenista existentes dentro do órgão, pois a "nossa meta é o índio".